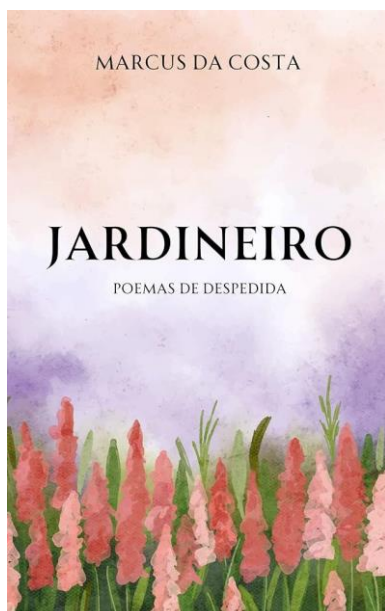


DA COSTA, MARCUS. *JARDINEIRO*.
POEMAS DE DESPEDIDA. VENDA NOVA
DO IMIGRANTE: EDIÇÃO DO AUTOR,
2023. EDIÇÃO KINDLE.



(Foto de Grazi Gobbi)

Marcus da Costa*

* Escritor capixaba natural de Cachoeiro de Itapemirim, é graduado em Letras pelo Centro Universitário São Camilo, especialista em Linguagens, Tecnologias e Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais e mestrando em Letras pelo Instituto Federal do Espírito Santo. *Jardineiro: poemas de despedida* é seu e-book de estreia.

Nascido e criado em Cachoeiro de Itapemirim, cidade que carrega em sua memória literária os nomes de Rubem Braga e Newton Braga, eu, Marcus da Costa, escrevo a partir de uma tradição que me atravessa, mesmo quando falo de mim.

Graduado em Letras pelo Centro Universitário São Camilo, especialista em Linguagens, Tecnologias e Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais e mestrando em Letras pelo Instituto Federal do Espírito Santo, transito diariamente entre a sala de aula, como professor de Língua Portuguesa, e a página em branco que me convida a transformar experiência em palavra. É desse lugar de leitor, professor e sujeito afetado que olho para o pequeno conjunto de poemas de *Jardineiro: poemas de despedida*, um livro de estreia que nasce da perda, mas insiste na possibilidade de continuar.

Quando escrevi que este “livro de poemas, se é que posso chamar de livro”, foi pensando em alguém que eu nunca me imaginei sem, eu já anunciava uma dúvida dupla: a dúvida sobre o próprio objeto (É livro? É desabafo? É caderno de memórias?) e a dúvida sobre mim mesmo, esse sujeito que, sozinho, “é ninguém”, mas que ainda “segue na busca de ser”. Sinto que o conjunto se organiza como um memorial íntimo do fim de um amor e, ao mesmo tempo, como um exercício de reconstrução de identidade a partir daquilo que doeu, passando da idealização do cuidado (“Jardineiro”) à exposição da solidão, até chegar ao gesto de encerramento de “Último poema”. Escolhi uma linguagem simples, imagens do cotidiano e repetições que aproximam os textos de uma fala confessional, quase como se eu estivesse conversando comigo e com quem já teve o coração partido.

Cuidado, amor e o jardim interior

Nos dois poemas “Jardineiro”, eu organizei a metáfora do amor como cultivo, algo que me parece muito próximo da vida no interior e das imagens de terra e pomar que me acompanharam desde criança. Em “Jardineiro 1”, ofereço meu coração como terra arada: o jardineiro “planta sementes” e “sentimentos”, colhe “amores”, e dentro de mim nasce um “pomar inteiro de sentimentos florescendo dentro do meu ser”. As “mãos ásperas, porém suaves” desse jardineiro dizem muito sobre o tipo de amor que eu desejava: um amor que dá trabalho, que exige esforço, mas que é também cuidado delicado, gesto paciente.

Em “Jardineiro 2”, inverte o ângulo: já não é só o jardineiro que cuida de mim; sou eu quem precisa acolher o cansaço e o choro dele. Quando escrevo que “essas lágrimas que escorrem do seu rosto são salgadas demais para regar a plantação”, tento mostrar que a dor em excesso pode queimar aquilo que a gente quer fazer crescer. Ao lembrar que “hoje é só um dia” e que “amanhã o sol há de raiar e iluminar o seu jardim”, reafirmo a crença em ciclos, em recomeços, na mesma lógica que atravessa outras imagens sazonais do livro.

Identidade em pedaços: minha colcha de retalhos

“Colcha de retalhos” é talvez um dos textos em que mais me exponho na tentativa de pensar quem sou eu. Ao repetir tantas vezes “colcha de retalhos”, assumo que me sinto feito de pedaços de outras pessoas, de “pedacinhos e pedacinhos” e “dores e dores” que fui costurando ao longo das relações. Há uma consciência de fragmentação, de incompletude, mas também uma recusa a ver isso como defeito: mesmo sendo uma colcha incompleta, ela “cobre, esquentar e protege” aqueles que me formaram.

Quando me pergunto “se eu não fosse assim, como uma colcha de retalhos, qual seria meu propósito?”, procuro aceitar que minha identidade está sempre “em processo de costura” e que o fato de ser inacabado é justamente o que me permite servir, acolher, estar com o outro. Nesse poema, eu tento transformar o que poderia ser lido apenas como sobra em projeto de existência.

Aprender de novo o amor e suas cores

Em “Aquarela em verde e azul”, falo do menino que aprendeu verdades prontas: misturar verde e azul dá amarelo (mesmo que isso não seja a verdade, uso da liberdade poética), amor se pinta de vermelho. Trago esse aprendizado escolar e cultural para, mais tarde, na vida adulta, confrontá-lo com o que eu realmente sinto: “no entanto sei que muito disso não é certo”. Ao afirmar “vermelho pro amor? incorreto / amor pra mim é amarelo”, reviso o código: o amor deixa de ser apenas paixão intensa, sangue, ferida aberta, para se aproximar de algo luminoso, talvez mais solar, esperança e claridade.

Esse poema é, para mim, um ensaio em forma de versos sobre como a gente reaprende palavras que achava que já conhecia, como amor, a partir das próprias experiências e dores. Mais do que brincar com cores, eu tento mostrar a passagem do que me ensinaram para o que, hoje, eu escolho acreditar.

Solidão, abandono e o barulho que não silencia

“A solidão sempre me acompanhou” é, sem dúvida, um dos textos mais crus do conjunto, muito próximo de uma prosa poética em que eu abro as lembranças de perda desde a infância. Falo do coelho vermelho que “se perdeu nos milhares de túneis que cavava”, dos cachorros que “sempre viraram nuvens”, dos amigos que nunca ficaram por muito tempo, e de como, aos poucos, fui “me apagando”.

Ao mesmo tempo, relato o aprendizado de fingir, de estampar um sorriso, de oferecer a mão, enquanto por dentro ninguém de fato me enxergava.

Quando digo “aprendi a confiar só em mim, mas até eu me abandonei”, toco numa sensação de autoabandono que me atravessa e que não é simples de nomear. A imagem da solidão como “barulho inaudível que não para nunca” tenta romper com a ideia de que solidão é silêncio e paz: para mim, ela é ruído interno, pensamentos e presenças que gritam dentro da cabeça e ficam ainda mais fortes quando estou fisicamente só.

Luto amoroso e presença que não vai embora

Nos poemas “Sua presença ainda é tão forte aqui” e “Você ainda está aqui”, trabalho o luto amoroso, essa fase em que a pessoa já se foi, mas continua ocupando todos os espaços. No primeiro, sinto “todas as noites seu toque quente”, ainda que saiba que é “só ilusão”, e reconheço que a outra pessoa “seguiu seu caminho” e soltou uma mão que prometera não largar. O “frio descomunal” que fica é uma forma de nomear o vazio que o rompimento deixa.

No segundo, a presença se fragmenta em vestígios: as roupas manchadas de tinta, o cheiro de alguém na rua com o mesmo perfume, a música que eu não gostava, mas que toca no rádio e, de repente, dói. A repetição de “eu choro, porque” marca a ambivalência: eu choro porque sinto falta, porque queria contar as novidades, porque sei que foi melhor assim, mas também porque não queria deixar ir. Acabo admitindo que choro porque “você ainda está aqui”, dentro, mesmo depois de ter partido.

Tempo, espera e o desejo de recomeçar

“Um novo amanhã, amanhã” retoma o tema dos ciclos por meio das estações do ano. Descrevo “árvore seca”, “folhas no chão”, “dia nublado”, “lágrima no rosto” para sugerir um outono-inverno emocional, um momento de frio, perda e recolhimento. Mas insisto que “o outono já se vai”, que o inverno “não dura muito”, e que “o verão há de chegar e a primavera logo vem”, porque acredito que o recomeço faz parte do movimento inevitável da vida.

Em “Fiquei te esperando”, o tempo se faz sentir de outra forma: por meio da espera que não se cumpre. Enquanto eu fico “na porta da minha calçada” esperando alguém que nunca vem, tudo em volta muda: “as crianças jogando bola na rua cresceram”, “a senhora que regava as plantas todo fim de tarde, morreu”. O mundo anda, as gerações se sucedem, mas o eu lírico permanece parado, preso a um compromisso que o outro nunca honra; é uma cena de melancolia e de certo autoaprisionamento que reconheço como parte de mim.

Metapoesia e o gesto de encerrar

Em “Último poema”, eu volto o olhar para o próprio ato de escrever. Digo que “este é o último poema que te escrevo” porque já não faz sentido continuar me dirigindo a alguém que “já não me lê”. Assumo a frustração de não ser compreendido (“em metáforas, você nunca as entendeu”) e a fadiga de tentar “rimar você” em versos que não chegam mais ao destinatário.

Quando afirmo “te mato agora nos meus versos, findo a minha poesia”, enceno um assassinato simbólico dessa figura amada dentro da linguagem, como se, para seguir, eu precisasse desligar a máquina que transforma a pessoa em poema. É um fim brusco, mas coerente com o percurso que começo lá no jardineiro cuidador, passo pela colcha em costura e chego a esse ponto em que

percebo que continuar escrevendo para o mesmo tu é também uma forma de não me deixar ir.

O que enxergo hoje neste conjunto

Olhando para *Jardineiro: poemas de despedida* como autor e como leitor de mim mesmo, vejo um livro que encontra sua força na honestidade emocional, na escolha de imagens recorrentes, como jardim, colcha, estações, espera, e na tentativa de dar forma poética a experiências de perda, solidão e recomeço.

Se penso em caminhos futuros, imagino experimentar mais com ritmo, cortes de versos e silêncios graficamente marcados na página, para potencializar ainda mais essas imagens e tensões que já estão aqui. Mas, acima de tudo, reconheço neste conjunto a voz de alguém que, mesmo se sentindo ninguém, insiste, à sua maneira, em continuar buscando ser.

Recebida em: 4 de março de 2026
Aprovada em: 26 de março de 2026